

TERRA PLANA: RETIRO.

FELIPE ESTRELA CAMPAL¹; RENATA DE AZEVEDO REQUIÃO²

¹Universidade Federal de Pelotas – felipecampal@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – ar.renata@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Neste momento, no segundo ano do Mestrado em Artes Visuais, trabalhando com fotografia, desenvolvo a parte final da dissertação intitulada *Terra Plana*: a experiência do estar, buscando através do estudo do meu próprio processo como fotógrafo, vincular minha produção à produção do campo das Artes Visuais. Ao longo deste ano e meio, venho enfocando particularmente meu processo de criação, buscando uma maior consciência sobre meu envolvimento com aquilo do mundo que me permite criar minhas próprias imagens fotográficas, percurso diretamente associado a um amadurecimento teórico-poético. Assim, me interessa pensar a construção do meu olhar de fotógrafo, compreender os modos e as articulações de linguagem, do momento decisivo logo antes da captação da imagem. Carrego comigo uma pergunta que de certo modo coincide com a que se faz Roland Barthes, ao olhar para uma fotografia. Olhando para a realidade me pergunto: o que me punge ali para que eu deseje a fotografia? Como recorto a realidade naquela cena que fotografo? Como monto aquela expressão do cotidiano numa cena fotográfica? O que há ali? E depois, no laboratório, como sei qual é a foto que corresponde àquele meu desejo.

Depois de imergir no meu próprio território, para misturado à terra tentar “ver o que eu era capaz de ver”, nesta etapa do trabalho, busco a reflexão em torno do “deslocamento do olhar”. Há vinte dias habito o desconhecido. Saio da *Terra Plana*, de meu território natal, em direção ao velho mundo onde estudo *Creatividad y Estrategias en fotografía contemporánea* na *Escuela Internacional de Fotografía y Cine (EFTI)*, em Madrid, com o fotógrafo-artista e psicoterapeuta Javier Vallhonrat. Nestes quatro meses de estudos terei que desenvolver um projeto, onde a matéria-prima já está diante de mim, porém ainda não consigo percebê-la. O exercício é o mesmo: aqui, deslocado, precisarei “ver o que eu serei capaz de ver”.

Na experiência do olhar, trazendo-a para um grau a mais de consciência, ao chegar à Madrid foi claro: perdi meu olhar de fotógrafo. Havia muita informação visual (e sonora, índice para mim constitutivo do olhar), novas estruturas, formas, cores, luzes, que ofuscaram minha percepção e diante do magnífico, de lugares tão fotografados, entrei apenas num processo de contemplação. Busco neste momento o entendimento de como se compõe este lugar com esta cultura e com suas estruturas imagéticas.

2. METODOLOGIA

No curso, no meio desse caldo de cultura, discutimos sobre a importância da atenção ao elemento quase insignificante, e sobre a utilização de pensamentos paralelos e variantes para a criatividade. Tratei de ver a cidade partindo do micro, a partir dos detalhes que percebo em meu deslocamento, para assim ir ampliando a visão. Estratégia esta que me permite aguçar a criatividade no desenvolvimento de novas “séries fotográficas”, estratégia que muito me interessa em meu trabalho fotográfico (cujas implicações com a pintura, as artes

gráficas, e por outro lado com o movimento precisam ser ainda investigadas por mim).

Nesta nova etapa, minha pesquisa tem como objetivo descrever o processo de deslocamento e realocamento do olhar. Longe de casa e da *Terra Plana*, sou acionado pela incerteza e pela nostalgia, sentimentos que me guiam na percepção das pequenas coisas desta grande metrópole. Os plátanos me conectam com a *Terra Plana*, e a partir deles são os rastros e sinais, de pessoas e da passagem do tempo, que me fazem levantar a câmera, imerso e perdido nesta imensidão de “possíveis coisas fotografáveis”, que até aqui são nada. A percepção segundo a filósofa Marilena Chauí:

[...] depende das coisas e de nosso corpo, depende do mundo e de nossos sentidos, depende do exterior e do interior, e por isso é mais adequado falar em campo perceptivo para indicar que se trata de uma relação complexa entre o corpo-sujeito e os corpos-objetos num campo de significações visuais, tácteis, olfativas, gustativas, sonoras, motrizes, espaciais, temporais e linguísticas. A percepção é uma conduta vital, uma comunicação, uma interpretação e uma valoração do mundo, a partir da estrutura de relações entre nosso corpo e o mundo [...]. (CHAUI, 2000, p. 154)

Por hora vejo apenas as coisas pequenas. Questão física e conceitual importante em *Terra Plana*, a falta de “horizonte” nesta nova experiência, neste novo “campo perceptivo”, me coloca diante de miudezas porque ou me são familiares, ou me pungem. Entre essas miudezas, na grandeza do desconhecido da cidade, o verde das mais de quinze mil árvores que compõem o Parque do Retiro, e nelas vou encontrando superfícies de inscrição, sinais que os homens e o tempo deixaram sobre suas cascas, em seu corpo-árvore.

Alguns artistas foram me guiando, nesse olhar miúdo e intenso. A relação dos próprios sinais com a obra de Joan Miró, pelo surrealismo das cicatrizes e suas formas foi o primeiro que me ocorreu e motivou o ver. O fotógrafo húngaro Gyula Halász mais conhecido como Brassai passou a ser outra referência, não só por seu trabalho, mas por ter registrado, em seu processo, para sua pesquisa, desenhos e signos traçados nas paredes de Paris dos anos 30. Com isso ele captou o princípio da expressão humana através do grafite que na época era feitos com inscrições e sulcos deixados nas paredes da capital Francesa. E ainda a obra do pintor espanhol Miquel Barcelo, no que diz respeito à textura que desenvolve em suas obras, parece me mostrar a própria superfície das cascas.

Como qualquer prática no Campo das Poéticas Visuais, mais ainda quando associada a Poéticas do Cotidiano, a imersão no que vem a ser identificado como o seu próprio processo é fundamental. Assim, o deslocamento pelo parque, a pé, vagaroso, reconhecendo que estou refazendo percepções, meu “corpo-sujeito” enfrentando novos “corpos-objetos”, a frequência desse deslocamento, repetindo caminhos, mapeando o que me pune, vai me devolvendo meu olhar de fotógrafo. Observo cada vez mais detalhes que, insignificantes, me proporcionam o entendimento sobre o comportamento da luz revelando aquelas formas que ali eu encontro.

Em meus exercícios de deslocamento em *Terra Plana* observava ao longe os elementos que, como “corpos-objetos”, compunham meu olhar se deslocando pela estrada (assim a categoria do “horizonte”, como um organizador, se impôs). Assim fiquei sabendo que Madrid é a “cidade das árvores”, assim também chamada por ser a segunda cidade mais arborizada do mundo. A ela, da imensidão de imagens que uma grande cidade pode oferecer, me conectei

através dos plátanos. Não de seus milhares de plátanos, mas de alguns, em cada um, foi a casca de cada um que me punziu. Nelas, as inscrições de outros homens e do tempo deixadas como que para eu encontrar nessas cascas superfícies.

Meu transitar nesse lugar desconhecido se deu no tempo do olhar contemplativo. Um olhar que segundo o professor de Filosofia Política e Teoria das Ciências Humanas da USP, Sergio Cardoso:

[...] remete de imediato à atividade e às virtudes do sujeito. E atesta a cada passo, nesta ação, a espessura da sua interioridade. Ele perscruta e investiga, indaga a partir e para além do visto, e parece originar-se sempre da necessidade de “ver de novo” (ou ver o novo, como intento de olhar bem). Por isso é sempre direcionado e atento, tenso e alerta no seu impulso inquiridor. (CARDOSO, 1988, p.348)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A descoberta do olhar e de pontos de vista associados à Arte, o distanciamento do trabalho iniciado em *Terra Plana*, encaminham este princípio de construção poética de meu olhar de fotógrafo. Vendo o mundo com olhos mais livres, absorvo dele a matéria prima, os “corpos-objetos”, que a mim ressoa como importante e fundamental. O encontro com minha poética fotográfica, na construção de uma linguagem própria e autoral, me permite dar identidade a meu trabalho. Busco com isso a revelação em imagem fotográfica das imagens que vejo, que imagino ao olhar e contemplar a materialidade do mundo. A fotografia é a forma pela qual melhor me comunico com o mundo. Dele extraio todos os subsídios para a construção das ideias que se acumulam em meu laboratório interno.

Neste momento, diante do desconhecido do novo lugar a ser fotografado, um dos principais resultados é o desenvolvimento da percepção do ver a coisa miúda, o pequeno, dar sentido ao signo quase insignificante, aquilo que passa despercebido aos olhares de milhões de pessoas que aqui habitam. Estou propondo uma série fotográfica registrando que vejo nas impressões feitas há alguns anos pelos homens, prática que de certo modo se pode associar à Gravura. Além dos rasgos provocados pelos homens nos troncos das árvores, me interessa também a ação do tempo, cicatrizando-os.

Para uma etapa posterior, a importante discussão entre os dois diferentes processos de percepção: na revisitação ao pequeno local de onde sou íntimo, as séries fotográficas a pontam para o horizonte da Terra Plana, e na experiência no lugar imenso, desconhecido e cheio de apelos, a série que estou construindo é feita de miudezas. Como se constrói a percepção em cada um desses lugares, nos quais exponho meu corpo aos corpos-objetos, considerada a “relação complexa entre o corpo-sujeito e os corpos-objetos”, nesses dois distintos “campos de significações visuais, tácteis, olfativas, gustativas, sonoras, motrizes, espaciais, temporais e linguísticas”.

Apresento a seguir duas fotografias da recente série:



Fotografia Digital. Série Rupestres modernos #1. Fonte: Acervo do autor.2017



Fotografia Digital. Série Rupestres modernos #2. Fonte: Acervo do autor.2017

4. CONCLUSÕES

Busco assumir uma força, expressiva e poética, com meu trabalho fotográfico, trabalho através do qual eu consiga apontar para as coisas do mundo tal como o vejo.

Isso justificaria estar inserido neste contexto contemporâneo, no qual tantas e tantas milhares de imagens fotográficas são produzidas e divulgadas a cada dia, e ainda assim continuar a fotografar de um modo peculiar. Busco construir, quem sabe, através de minhas séries, certa “narrativa visual” do mundo, aquilo que apenas eu, por ser quem sou, poderia ver, registrar, mostrar e assim “narrar”.

Tal decisão implica em escolhas e na consolidação de certo ponto de vista muito pessoal, em busca de um “pensamento visual” acessado pelo próprio fazer fotográfico. Formula-se aí um discurso fotográfico crítico.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. São Paulo: Nova Fronteira, 1980.
- CARDOSO, Sérgio. **O olhar viajante do etnólogo**. In: O Olhar. Organização Adalberto Novaes. São Paulo: Companhia das letras, 1988.
- CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- Brassaï Grafitti. Acessado em 05 de outubro de 2017. Online. Disponível em: <https://graffica.info/brassai-graffiti/>
- Miquel Barceló. Acessado em 04 de outubro de 2017. Online. Disponível em: <http://www.miquelbarcelo.org/>